

JOSIMEIRE BATISTA DA SILVA

BA, Salvador

Projeto *Abarés do Brasil*

A palavra Abaré significa amigo em tupi guarani. Não por acaso o projeto leva esse nome, pois buscou aproximar pessoas, culturas, etnias e histórias de vida.

Partiu-se da realidade de que Salvador é a cidade com maior número de negros e no estado da Bahia há mais de 10 tribos indígenas. Apesar disso as crianças, entre 4 e 5 anos, não reconhecem as particularidades de sua etnia e nem se identificam com ela, como descobriu a professora ao observar entre outras coisas, que as crianças negras usavam a cor bege para representa-las, escolhiam bonecas brancas e se chamavam de cabelo duro.

O percurso contemplou várias etapas articuladas: levantamento do conhecimento prévio sobre índios, negros e brancos; estudo de brinquedos e brincadeiras de cada etnia; leitura e escuta de histórias, dramatização das histórias ouvidas, contos e canções; produção de elementos das artes específicas (máscaras, pinturas corporais, tintas naturais, instrumentos sonoros utilizando materiais reaproveitados e sementes); pesquisa de palavras de origem africanas e indígenas que fazem parte do nosso vocabulário, além do cuidado com animais de estimação (peixinho).

Houve mudança de comportamento (usar o marrom e preto para se desenharem...) e ampliação de repertório e conhecimento específico sobre etnias, sendo finalizado com exposição das produções das crianças.

Fazem agora parte dos princípios dessa escola: a valorização da própria identidade como conteúdo pedagógico na Educação Infantil e a observação de sala de aula como ponto de partida para elaboração de projetos significativos junto às crianças

A partir das intervenções do projeto as crianças passaram a reconhecer o legado cultural das etnias presentes na história do povo brasileiro, a disseminar o que aprenderam em suas famílias além de mudarem comportamentos em relação a própria identidade. Passaram a valorizar atitudes como respeito, cooperação, amizade, elevando a autoestima e o orgulho da própria história política e cultural. Outro resultado foi a desmistificação do índio nu, que só se comemora no dia 19 de abril. Foi uma construção coletiva com a participação das mãos das crianças. Elas diziam: “Nós também somos abarés”.

“O projeto me fortaleceu não só como docente, mas como pessoa. Fortaleceu a minha identidade de negra descendente de índia. Fortaleceu quando questionamos com as crianças: cabelo duro? O que é duro? Chão duro, mesa dura, parede dura... Então fizeram as comparações e chegaram a seguinte conclusão: Não existe cabelo duro. Os negros são importantes”.